

Entrevista Pai Aguiar de Oxossi

Pai: ... a pessoa se ela não tiver, como que eu vou dar uma obrigação de quatorze anos numa pessoa se ela não tem quatorze anos de santo? Isso eu acho que tinha que haver alguma coisa que proibisse isso. Que cortasse isso. Sabe porque? Infelizmente a nossa religião está muito desacreditada, entendeu? Não na minha casa, porque não sou melhor do que ninguém! Ninguém é perfeito. Mas eu não aceito.

E: E é por isso que nós estamos procurando os terreiros tradicionais, porque são esses que estão preservando a tradição.

Pai: Porque você faz um Yaô, o Yaô chega daqui a três, quatro anos já está tomando obrigação de sete anos sem ter tempo. Tem muita gente tomando obrigação de vinte e um anos sem ser feito de santo. Isso está acontecendo! Então quer dizer você passou aquele sacrifício, você recolheu. Eu entrei pra fazer santo dia treze de Novembro, minha saída foi dezesseis de Dezembro. Eu fui tirar a quelê dia 28 de Junho. Eu não fiquei três meses de quelê nem vinte e um dias não, eu fiquei foi um mês e três dias recolhido e seis meses e vinte e oito dias de quelê. Hoje em dia eles estão fazendo Yaô em sete dias e vinte e um dias só de quelê. Na minha época não existia isso. Na minha casa meus Yaôs é vinte e um dias, três meses de Quelê e ainda tem a hierarquia que eu levo meus Yaôs a missa ainda. Hoje em dia você não vê mais isso. Meus Yaôs quando completa os sete dias que o santo dele saiu, que rodou, deu nome. Ele vai a missa! [...]

E: Foi acabando também com a pressão muito grande da igreja que não aceita, tem muitas que não aceitam né. Na Bahia as igrejas aceitam, mas aqui é difícil. E eu acho que esse tipo de tradição, esse tipo de rigor, digamos assim, é que faz o axé, é que faz a força, é que faz a preservação.
[...] entrevistador continua falando da importância do trabalho na preservação da tradição.

E: Eu gostaria de saber a história do terreiro: Como foi? Ele já começou desse tamanho nesse lugar?

Pai: Eu comprei esse terreno vazio. Isso aqui era mato, não tinha nada era mato puro. Não tinha vizinhos, não tinha nada. Eu morava na Tijuca na época que eu comprei esse terreno aqui. Eu mesmo fui construindo sozinho. Eu não tinha filho de santo, não tinha cliente quando eu construí isso aqui. Foi o Orixá quem me deu. É humilde minha casa, mas eu sou feliz, entendeu? Porque Candomblé não é telhas coloniais, não é exuberância é conteúdo. O Orixá é simplicidade, Orixá é humildade. Tudo bem a gente quer colocar nosso Orixá bonito, a gente coloca. Mas muita coisa sabe que a gente bota pra poder exaltar.

E: É mais uma reverência né? Mas eu acho que o luxo não faz parte da cultura do candomblé.

Pai: Com certeza! Se você bota um santo vestido no chitão, derrepente ele fica mais bonito do que você botar um que vem vestido todo em ouro. A verdade é essa!

E: E às vezes ele nem quer isso.

Pai: É. Nós colocamos assim, porque a gente quer colocar o santo da gente bonito, com luxo, aquele negócio todo. Mas santo é simplicidade.

E: Na África não existe esse luxo!

Pai: Não existe isso, se você ver na verdade na África o santo sai, bem dizer, com pano que veio ao mundo, com os peitos de fora.

E: Mas então, ele foi aumentando à medida dos anos?

Pai: Não. Sempre foi esse tamanho desde quando eu construí. Sempre foi melhorando aos pouquinhos. Agora mesmo eu estou melhorando um pouquinho porque eu quero tocar um Candomblé. Meus Candomblé toco com orgulho, com vontade. Entendeu? Faço o que posso! Conforme eu digo: O Orixá não tem o que me cobrar. Eu tenho amor ao Orixá, eu vivo mais para o santo do que a minha própria vida.

E: A vida pessoal sempre fica um pouco de lado né?

Pai: Muita coisa mesmo. Todo mundo, meus próprios filhos de santo dizem assim: Ah, o senhor não está vivendo. O senhor não sai, não vai a praia. Não. É aqui.

E: Aí o senhor mora aqui também?

Pai: A minha casa é num outro terreno, mas é paralelo a esse aqui. Aí eu fiz ma passagem, um portão pra minha casa. Minha casa é independente daqui.

E: Aqui mora algum filho de santo?

Pai: Tem uma filha de santo minha que mora aqui. Mora mas trabalha fora.

E: Conta uma história pra gente do seu tempo de via como pai de santo.

Pai: Eu acho que eu só tive vitória na minha vida espiritual. Eu fui uma pessoa que tive em coma profundo dezesseis dias, eu entrei em coma numa terça-feira e acordei numa quinta-feira no dia do Oxossi. Minha mãe carnal que é falecida era cristã, uma religião oposta a minha, ainda foi num pai de santo procurar saber, e quando chegou num determinado pai de santo ele disse que ela não estava indo lá para ela, ela estava indo para um filho. E ele disse ainda, seu filho vai levantar, seu filho tem uma estrela que brilha. É uma pessoa que é invejada, apesar da minha casa não ser aquele luxo todo, mas eu sou uma pessoa que muita gente

tem inveja. E saí do meu coma de dezesseis dias e ainda fiquei mais um mês no hospital, sem seqüela sem nada. Eu tenho que agradecer a Oxossi né? Eu na tenho o que reclamar do meu Orixá. O que lê me traz, pra mim é tudo. Eu não quero riqueza eu quero saúde. E o Orixá me dando saúde eu vou ter forças para alcançar aquilo que eu desejo. Não viso dinheiro através da religião, porque muito pai de santo está fazendo da religião um comércio. Então tudo que meu santo me dá, isso aqui tudo pra mim é um paraíso. Então eu sou feliz assim. E se ele me der condições de eu cobrir ele em ouro, aí eu vou cobrir ele em ouro porque ele merece. Ele pra mim é meu tudo, eu sem ele não sou ninguém. Vivo pra ele, quando tenho que sair vou para cuidar de Orixá. Vou pra Friburgo, vou pra Campo grande, Nilópolis, pra Marica, pra Espírito santo, para Aracajú. Mas não sou aquele que, é tanto! Eu não vejo assim [...] continua falando da questão do dinheiro.

E: E aqui na sua casa tem alguma pessoa de santo raro que quase não se faz mais?

Pai: Bom feito nas minha casa eu tenho Exu, Ogum, Omolu, Oxossi, Iansã, Oxum, Iemanjá, Obá, Nana, Oxoguiam, Oxalufan. O único santo que eu não tenho feito na minha casa é Euá. Que santo que faz em cabeça de virgem, só de criança. logunedé, Ossaim, Oxumarê. O único santo que falta na minha casa é Euá. Tem o Possum pra tomar obrigação. Eua tem até pra fazer, é uma menininha. Vamos esperar para ver o que Euá vai me dizer o que ela quer fazer a hora que ela quer. Não sou de forçar ninguém a fazer santo. Santo ou você faz ou por amor ou pela dor. É mais fácil fazer pela dor, porque amor já se torna vaidade. Eu quando fiz santo eu fui roubado para fazer santo, nunca tinha pisado numa cada de Umbanda nem de Candomblé. Eu fui levado por uma tia minha, eu estava muito mal, passando mal, passando mal. Eu fui cristão também.

E: Era criança quando começou?

Pai: Que eu fiz santo? Fiz santo com vinte e um anos. Eu fui fazer santo obrigado, não porque eu quis. Se fosse por mim eu não faria, na época. Hoje se eu tivesse que fazer faria da mesma forma que eu fiz quando me iniciei. Leigo, sem nada, com problemas de saúde. Hoje por vaidade, jamais. [...] Eu era modelo na época, morei nos Estados Unidos. Eu fui modelo da Calvin Klein, da Pierre Cardin e aí eu morei nos Estados Unidos um ano e meio. Aí quando vim eu tinha meu apartamento na Tijuca, vendi meu apartamento e comprei isso aqui para meu santo porque ele pediu. Quando eu fiz santo logo depois meu pai falou assim: Meu filho você tem cargo de zelador, e eu tentei fugir muitas vezes, não queria, chorei muito que eu não queria abrir casa de Candomblé que é uma responsabilidade. Então você procura fazer as coisas certa e você vê muita gente fazendo muita loucura.